



A Indústria Electromecânica

Mercê da sua intervenção na generalidade das estruturas e equipamentos industriais, a electromecânica é um sector industrial base, que ocupa posição cimeira no progresso sócio-económico. Com a evolução da electrificação dos meios fabris produtivos, com a expansão espectacular da automação e da electrónica e, desde sempre, na fabricação de maquinismos integrada no sector electrotécnico, consolida-se irreversivelmente naquela posição.

Com a melhoria (inimaginável há um século) da qualidade de vida estendida a grandes parcelas das populações do Mundo, a procura de bens de consumo produzidos pela electromecânica, desde a gama imensa de aparelhagem electrodoméstica e medicinal, passando pelas inovações luminotécnicas interiores e de rua e pelo adorno e acomodação de casas, até à área cada vez mais vasta da electrónica nas telecomunicações, diríamos que, na generalidade, o sector da indústria electromecânica qualifica-se, também, como a grande abastecedora do Mundo em bens de consumo, excluída — evidentemente — a indústria alimentar.

Dedica-se o tema deste editorial à indústria electromecânica integrada no âmbito da Rede Eléctrica Nacional, cuja reestrutura (vista a imperiosa necessidade de novos centros produtores) cria, para Portugal, motivos de ansiedade preocupante. Com efeito, o plano energético — sejam quais forem as directrizes políticas que o venham a definir — não pode afastar-se do empreendimento, tão rápido quanto possível, de novos centros produtores hidroeléctricos.

A intervenção e a preparação do sector nacional electromecânico são portanto parte integrante do nosso empenho e da nossa acção empreendedora.

No nosso entendimento, perante a míngua nacional de recursos para a aquisição no exterior de energia e de comida, não se vislumbra viabilidade financeira

capaz de nos assegurar a prática importadora de grande parte dos bens de equipamento da rede eléctrica nacional.

Por outro lado, se não se activar — com invulgar afã — a construção de novas centrais hidroeléctricas, o aproveitamento das escassas fontes primárias portuguesas deixará, antes do findar do século, de ter significado em relação ao consumo nacional de energia.

Assim, a planificação energética integra necessariamente a indústria electromecânica nacional: o seu auto-equipamento, a identificação e especialização de unidades e meios existentes, a criação de novas fábricas e a institucionalização de consórcios coordenados e orientados para a acção a empreender pela EDP nos próximos quinze anos.

O povo português não merece que a sua qualidade de vida volte para trás dois séculos.

E, portanto, para quem tem pouco dinheiro para comprar petróleo e nada lhe sobra, para importar grande parte do que precisa para subsistir, os portugueses só podem contar consigo para reestruturar, como urgentemente se impõe, a rede eléctrica nacional.

Planifiquemos para quinze anos a evolução do sector nacional da electromecânica em conjugação com as necessidades e a programação da EDP.

Este esforço é imperioso e urgente. Os seus frutos são razão de necessidade nacional.

Vamos porém um pouco mais longe: com o apoio de programação interna a médio prazo, o sector nacional da electromecânica, estruturado em consórcios especializados, adquire a condição necessária, posto que nem sempre suficiente, para que o País possa desembaraçar-se competitivamente (na escala mundial) como fornecedor de projectos e realizações hidroeléctricas em empreendimentos espalhados pelos quatro cantos da Terra.

F. do A.